

A DIALÉTICA DOS VAMPIROS

VILMA ARÊAS
(IEL/UNICAMP)

A cena se passa num aposento cheio de sombras alternando-se com luzes cegantes, lívidas, talvez azuis. Tempestade lá fora. De um tubo invisível escorre a voz desamparada de Dido, sem saber se se levanta ou não da cama, "...my tea's gone cold, i'm wandering..." Os personagens são um vampiro chamado Billy-Boy e Lilith, uma caça-vampiros. Mas não parecem nem uma coisa nem outra. Billy-Boy é lindo e moreno, Lilith tem olhos luminosos.

("Ele acabou de tomar um copo cheio de sangue fresco, só pode", diz Bebê. "E depois, que nome para um vampiro!" "Cala a boca", berra o garoto).

Estão apaixonados. Amor impossível, claro, trata-se de um quiasmo moral e funcional. Diálogo tenso. Billy-Boy repete: "precisamos encontrar uma solução", "precisamos encontrar uma solução". Lilith não se convence. Billy-Boy implora um beijo, Lilith diz que não, era melhor acabar de vez com aquele sofrimento, Billy-Boy suspira: "Para sempre é muito tempo".

("Será que Lilith tem medo dos dentes de Billy-Boy?". "O que? Claro que não. Dente de vampiro não cresce a toda hora. O que é que você entende desses assuntos? Você não sabe nada de vampiros").

Saraivada de luzes. Som de trovão e chuva caindo. Dido: "não vejo nada, não vejo nada, the morning rain clouds up my window ..."

("Você é muito crítica, isto não é para pensar, é só para ver e esquecer". "Não sou assim tão crítica. É que quero entender. Wittgenstein diz que é preciso entender

ou morrer”. “Está vendo como você é”? “Como é que posso esquecer o que não entendo? O que não entendo jamais esqueço”. “Então é melhor você não entender nada de nada de todos os assuntos”).

Bebé sai da sala. Quando volta, Billy-Boy e Lilith estão se beijando.

(“Eu teria aflição, mesmo que o dente não estivesse na hora de crescer, eu só ficaria pensando nisso. Pode enguiçar qualquer coisa e o dente crescer fora de hora”. O garoto diz que assim ninguém podia ver televisão.”Não posso me concentrar. O que é que você quer dizer com ‘enguiçar qualquer coisa’? Um vampiro não é um chuveiro elétrico, um vampiro não é um motor ou uma torneira quebrada. Um vampiro é simplesmente um vampiro, um cara muito disciplinado e previsível segundo todas as regras. Só tem de caçar para viver, aliás como todo o mundo, isso não é nada original. Todo o mundo sabe disso. Quanto mais uma caça-vampiros”).

Tempestade de luzes intermitentes, relâmpagos. Os rostos aparecem e desaparecem. Bébé percebe de repente a melancolia de Billy-Boy, misturada à voz que dizia ter perdido o ônibus e que seria um inferno aquele dia, “and there’ll be hell today”. Sim, era um melancólico, aquelas pessoas fechadas nos labirintos, e que só se deslocam em círculos pensando que caminham em linha reta. E talvez, quem sabe?, Lilith não existisse, não passasse de uma mera projeção da melancolia de Billy-Boy. Suspira. Mas os dois estão agora se devorando com os olhos. Lilith gorjeia: “Vou ter de me esquecer de você. Vou passar a minha vida me esquecendo de você”. Billy-Boy responde: “Esquecer é impossível”. Ela: “Talvez, mas isso não muda nada”. O rosto dele se contorce, os olhos se enchem de lágrimas. “Você me ama, sei que você me ama”. Lilith junta as mãos como se rezasse: “Amo”. Repete: “Amo. Mas isso não tem a menor importância”. Billy-Boy engasga, diz sem convicção: “Mas assim você não vai ser feliz”. Neste momento Lilith perde o controle, sua expressão se torna feroz: “Não sou feliz, mas isso não me faz a menor falta. NÃO FAZ, NÃO FAZ A MENOR FALTA”. E a plenos pulmões, sapateando no tapete: “Hell today, hell today!” Billy-Boy gagueja olhando para fora da cena: “Isso não está no script”. Ouve-se um burburinho, gritos de “corta! corta!”, os comerciais enchem a tela.

(“Viu?” , diz o garoto para Bébé, “não se pode ver televisão com você, você sempre acaba estragando tudo”).